

# Farrapos

Diretor: João Paulo Silveira — Redator: Carlos Pereira Filho

Ano II | Flori nópolis 15 de Outubro de 1947 - Cr. \$0,30 - | Nº 20

## ANO II

Um ano de vida comemora, hoje, 'Farrapos'. Um ano de trabalho para dar aos nossos leitores uma pequena diversão.

Há 365 dias atrás, saía o primeiro número de "Farrapos", descomulgado com artigos pobres. 14 exemplares foram impressos e daí para cá, muitos melhoramentos sofreram este minúsculo periódico com pretensões agigantadas. Tentarei relatar a seguir, em poucas palavras, a vida de "Farrapos".

Ele já existia muito antes de Outubro de 1946. Era um jornalzinho manuscrito, cujo diretor era também um dos poucos senão o único leitor. Pouco depois de eu ter conhecimento desse minúsculo órgão e, naturalmente, associado ao diretor, sonhamos em fazer-lo impresso. Mas... e os tipos? Onde imprimir? Todos os jornais desta capital foram visitados pelo nosso diretor, em busca de tipos.

Finalmente o "Estado" possuiu caixas de tipos que gentilmente nos foram cedidas. A impressão seria feita lá e assim aconteceu. Saiu o nº 1. Os nºs 2 e 3 foram impressos em papel de côr. O sr. Batista Pereira, diretor da Imprensa Oficial, deu-nos o papel em que foram

impressos os outros números. A tiragem aumentou.

A 25 de fevereiro de 47, saía o nº 8 encimado por um cabegalho desenhado pelo sr. Arno Beck e feito pelo sr. Doralécio Soares, chefe da seção de Fotogração da Imprensa Oficial.

O jornal foi crescendo. E hoje, continuando o sonho realizado, "Farrapos" continua sua incansável marcha cadenciada pelo correr do tempo, sempre seguindo sob o seu lema: Melhor que ontem, pior que amanhã", trazendo aos leitores, pequenos momentos de prazer, de leitura agradável, divertida e instrutiva. E cada dia que passa procura ser mais independente, dependendo de si próprio, como o Homem no princípio de sua maturidade, tomando juízo, perfeito conhecedor de suas ações. Para nós não haverá obstáculos intransponíveis porque existe aquele dom que rege a vida dos bem sucedidos: a força de vontade, o desejo de ver o fruto de seu trabalho cada vez mais desenvolvido, cada vez maior e melhor do que o passado, menor do que o futuro. Em outras palavras: — O PROGRESSO.

CARLOS DA COSTA PEREIRA FILHO

## Página

## Beletrística

## A FANTASIA DOS RELOGIOS

**A**S HORAS variam conforme as pessoas e conforme os relógios.

A fantasia foi sempre uma das melhores amigas dos relógios.

Um dos encantos da vida desaparecerá no dia em que todos os relógios andarem certos. É tão bom a gente chegar atrasado! E é tão brasileiro!...

Se os trens chegassem no horário exato, se os espetáculos comessem à hora marcada, se os almoços e os jantares se realizassem no momento preciso e combinado — quantos trens, quantos espetáculos, quantos bons pratos perderíamos sempre!

O destino já é tão impassível. A morte já é tão matemática. As calamidades já são tão pontuais. Os desgostos já são tão exatos. Porque não deixar, aos relógios, a faculdade de se atrasarem um bocadinho?

É o único meio de nos darem a impressão de vivermos mais lentamente, de demorarmos um pouco mais sobre a terra, e de travarmos melhores relações com o tempo esse cavalheiro fugitivo que parece correr sempre deante da gente sem que jamais o possamos alcançar... A hora certa tira, além do mais, muito do inesperado e da graça da vida. A hora certa é como o ven-

cimento de uma letra e é sempre um fato consumado menos interessante do que aquilo que ainda não chegou e que poderá vir...

Quando se pensa que o pontalrinho de segundos de um cronômetro percorre, num ano, centenas de quilômetros, não só se compreende que os relógios se atrasem como a gente gostaria de se atrasar também...

E a verdade é que tanto as criaturas como os relógios não andam nunca muito certos... Os relógios amam também a fantasia e a contradição. E sendo a própria pontualidade inglesa duvidosa, fica se contrariado... O inglês não é mais nem menos pontual do que outro qualquer. E se não diz, como o brasileiro, com a santa simplicidade do brasileiro, o «deixem me primeiro tomar o meu café», ele faz como se dissesse fleugmaticamente — «deixem-me primeiro fumar o meu cachimbo...»

Benjamin Costallat

## QUADRA

Quanto mais a vida passa,  
Mais a gente quer viver,  
Porque por mais que se faça,  
Resta muito o que fazer.

A. A. Pinto

## NOS ESPORTES

João Luiz F. de Melo

## Desenvolvimento do Esporte Catarinense

Depois de uma brilhante apresentação da nossa seleção no campeonato brasileiro de Basquetebol, realizado em S. Paulo, onde os nossos rapazes conseguiram o título de vice líderes desse certame, perdendo apenas para os paulistas que se sagraram campeões nacionais, a F. C. A. está mais uma vez de parabéns.

O grande êxito alcançado pela magnífica representação de Santa Catarina, não só nesse jogo, como também na bela campanha dos campeonatos de atletismo, futebol e vôlei, foi devido aos esforços que a F. A. C. está empenhada pelo engrandecimento do nosso esporte. Da Santa Catarina têm saído grandes azes, que hoje estão integrados no futebol nacional, entre eles, Teixeira, que é um dos maiores pontas esquerdas do Rio de Janeiro. Os nossos parabéns, à F. C. D. que tanto tem trabalhado pelo desenvolvimento do esporte catarinense e a todos esses rapazes que têm sabido honrar o nome de sua terra, elevando bem alto as nossas tradições esportivas.

## Copa Rio Branco

Ag que apuramos a copa Rio Branco será realizada na capital do Uruguai, em fevereiro de 1948.

## Passa-Tempo

## NINGUEM COME ...

Estavam num fazenda, 4 vaqueiros conversando.

Em dado momento, aparece o cozinheiro do rancho fazendo: «O jantar está na mesa, mas só poderão comer, se um de vocês responder a esta pergunta: O que é que faz o cavalo quando chega ao sol?»

Depois de muito pensarem, um dos vaqueiros consegue dar a resposta que a publicaremos no próximo número.

## ONDE É?

Aquela linda atriz apareceu no palco, meneando os quadris e perguntou à plateia: «Onde é que todo o mundo pode sentar, menos eu?»

Ninguém no teatro, foi capaz de responder essa pergunta imediatamente.

Poderão, os leitores responder?

## CHARADAS

«Na matemática» a «roupa do gentio» é uma «fruta» 1-2

«Agora» o «alimento» é um «país» 1-1

A pessoa «casta» e um «nome de mulher» é um «Estado» 2-4

Faça suas compras pelo sistema CREDIÁRIO

**KNOT**

## Um Ano de Trabalho

“Farrapos nos Esportes” congratula-se com a direção desta folha pelo transcurso do seu primeiro ano de profícua atividade.



Um português foi visitar um amigo e, na volta deu pela falta do guarda chuva. Resolveu, então, telefonar ao amigo.

— Alô Manéle. Beja si eu não deixái u meu guarda chuva aí em sua casa.

O Manéle olta em volta... vê um guarda-chuva, apanha o e pergunta:

— É iesta?

Ora, Manéle.. Como posso vêre, estou sem os óculos..

— Serà que eu conseguirei chegar aos 60 anos, querido?

— É difícil, principalmente se você continuar mais tempo nos 30

#### NA ESCOLA

— Paulinho, vamos responde depressa, quantas foram as guerras de Felipe II?

— Sels..

— Muito bem. Então enumere as. Pois não, fessora": Uma, duas, três, quatro, cinco e seis..

#### ENTRE AMIGOS:

Você fala inglês?

— Oui..

— Mas «oui» é francês!..

— E'? Então eu sei falar francês, também..

#### FARRAPOS

RED.: Rua Bento Gonçalves, 18

DIRETOR:

João Paulo Silveira

REDATOR:

Carlos C. Pereira Filho

Secção Esportiva:

João Luiz F. de Melo

#### HISTÓRIA DE INGLÊS

Um inglês disse para o outro:

— Eu tinha doze garrafas de whisky na minha adega e minha mulher me disse para despejarlas na pia, porque ainão..



Tirei a rolha da 1ª garrafa e despejei na pia, com exceção de um copo que eu bebi. Extraí a rolha da 2ª garrafa e procedi da mesma maneira, com exceção de um copo que eu bebi.

Tirei a rolha da 3ª garrafa e despejei o whisky na pia com exceção de um copo que eu bebi. Arranquei a rolha da 4ª garrafa e despejei a garrafa no copo que eu bebi. Arranquei a garrafa da rolha seguinte, que eu bebi uma pia dela e botei o resto no copo. Arranquei a pia do copo seguinte, despejei a rolha dentro da garrafa e bebi o copo. Tirei a rolha seguinte da garganta e despejei a pia dentro da garrafa.

Constitua um fundo de reserva para o futuro adquirindo um título da

### Companhia Internacional Capitalização

Escritório: Rua João Pinto, 13 — 1º Andar  
Florianópolis

Inspeções e agências em todo Estado

# Farrapadas

Por JOEIRA SILVÃO Filho

## CREPÚSCULO SANGRENTO



Noite feia e medonha (que medo he!) Uma cabana esburacada e fria. Dentro dela, numa cama, moribundo, já escandalosamente Salicético, irmão de Bombrosino.

— Meu irmão, ó ó ó não morrais sem que me aviseis! Não morrais assim na "pindaíba", esperéis o resultado do bicho!

— Não!!! Sinto que vou "empacotar". Porém, peço para que não choreis, pois te deixarei como lembrança, as xinxas cereculas e aquele par de meias com ar condicionado.

— Ó ó ó, desvairada creatura não morrais, não morrais, ó ó ó três vezes ó!

— Assim quer a sorte, quer do irmão!

— Ah, é? Então morre, morre, desgraçado!!!

(Esta é uma colaboração especial vinda diretamente da Colônia Santana para nossa redação)

DIZEM que na lua existe um conjunto vocal com o nome de "Bando da Terra."

Se um dia, por acaso,

Em passaro me transformasse,

"Cuspiria" à toda hora,

Em quem por baixo passasse.

AQUELE sim, era, sem dúvida, um perfeito idióta.

— Era bigame.



## MEU CANTINEIRO

Chico contou-me o seguinte:

«Numa viagem de trem, nos bancos da minha frente, estavam sentados dois homens. Um era preto e o outro era moreno. Diziam que o comunismo é bom e que as terras e o dinheiro deviam ser repartidos para cada pessoa ter porção igual. Falavam alto. Eu escutava. Depois eu soube que eram comunistas.

O preto perguntou:

— Então se tu tivesseas duas ca-  
sas, uma era para mim?

O moreno respondeu:

— Está claro.

O preto: — E se tu tivesseas vinte mil cruzeiros, dez mil eram para mim?

O moreno: — Sem dúvida.

O preto: E se tu tivesseas dois cigarros, davas-me um?

O moreno: — Isso não!

O preto: Antes davas a met. de de tudo. Porque agora não?

O moreno: Ora bolas! Antes eu dava, porque eu não tinha duas casas nem vinte mil cruzeiros, mas dois cigarros são precisamente os que agora tenho no bolso e agora preciso de um e o outro é para depois...

O trem foi andando e eu fui pensando: «Eis o que é o comunismo. Quer tirar, quer ter, mas não quer dar.»

Sim, senhor! Contra o comunismo, abra o olho, seu Chico!

L. J. M.

CONTARAM ME que aquele matemático, chegando ao dentista, pediu que lhe extrairasse a raiz quadrada dos dentes.

# Alma Penada

NOVELA POR J. W.

Capítulo I

VOLTA DE HENRIQUE VI

O vento rugia pela planície com fúria endemoinhada, siblando tetricamente nas esquinas e nos cantos das casas, sacudia raivosamente as árvores, cujas folhas fazia revoltear como um bando de pássaros espantados, enquanto os troncos gemiam sob a hercúlea pressão. Cá e lá baqueavam árvores de meia idade, em pleno vigor, arrancadas com as raízes e com fragor sinistro quebravam copas de encontro ao solo duro. Uns restos de neve, remanescentes da nevada matutina, eram varridos com inclemência para os recantos abrigados, deixando as ruas perfeitamente limpas. Lá no alto, num céu plúmbeo, atropelavam-se grossas nuvens negras e pardacentas, qu' l rebanho de ovelhas, em fuga ante um lobo voraz. Umhas gotas enormes começavam a cair espaçadamente, quando, de improviso, um clarão iluminou a penumbra produzida pelo temporal desencadeado, um relampago cortou o ar e já se ouviu um estalo um crepitar horrendo, seguido dum ribombo, como a selva de vários canhões e um dos torreões do castelo de Horsforth se abiu de alto a baixo. Um carvalho secular que crescia junto às muralhas, atingido pela foice elétrica, partiu-se em dois e uma língua de fogo irrompeu do seu tronco corrompido pelos anos.

O conde Jackson, em sua biblioteca, estremeceu em todos os membros. Tinha um livro sobre os joelhos, mas não lia. Seus ouvidos escutavam o silvar do vento, uma melodia, ou uma escofonia infernal dos elementos em furor. Agora, o próprio assosinho trepidava, em consequência do raio no torreão. Erguendo os braços de mãos estendidas para a porta do aposento, Jackson gritou: «Helen! Helen!!! Tem compaixão de mim! Não me atormentes mais! Vou! Já vou!!!»

O torreão pegara fogo. O conde qual sobâmbulo, nada viu. Dirigiu-se para a porta, onde vira a figura de Helen, abriu a, passou pelo hall, abandonou a casa.

As ruas estavam desertas. Todos tinham fugido da borrasca, recolhendo-se em suas casas. Apenas um ancião arrogava a fúria dos elementos...

No dia seguinte, os moradores de Horsforth encontraram o cadáver do conde Jackson, deitado sobre uma sepultura, no cemitério da vila. Sobre o murosleu lia-se o nome de Helen...

O castelo, presa das chamas, estava reduzido a escombros, apsar dos esforços de uns homens denodados que se aventuraram à defesa da mansão malfadada, malgrado a ira das forças da natureza.

Correu a notícia da morte do conde, em circunstâncias tão impres-



# Farrapos

—Florianópolis, 15 de Outubro de 1947—

## A NACIONALIZAÇÃO DO PETROLEO BRASILEIRO

Reunirse a 27 de setembro deste ano, o diretório do «Centro Acadêmico XI de Fevereiro», para discutir o problema da «Nacionalização do Petróleo Brasileiro.»

Foi justa a posição de combate que os acadêmicos de direito de Santa Catarina tomaram para com aqueles que, querendo insultar a soberania Nacional, desejam entregar o petróleo brasileiro à mãos estrangeiras.

Mostraram os acadêmicos catarinenses que um sentimento patriótico ainda existe no coração dos jovens brasileiros.

Devemos pois nós, demais estudantes de Santa Catarina, apoiar integralmente os acadêmicos de direito, para que os produtos do nosso solo, sejam explorados pelo nosso povo, e em benefício dele empregado, deixando assim de suprir a ganância de outros, que se dizem melhores do que nós.

José Julio Pedrosa

## ERRATA

Na novela «Alma Fênix» à página 6, substitua-se: Na linha 1 «endemoinhada» por «endemoinhada»; linha 6, «quebravam copas» por «quebravam suas copas»; linha 14, «um estalo, um» por «um estalo seco, um»

Ao completar o seu primeiro ano de publicação, «Farrapos» deseja aqui es seus sinceros agradecimentos a todos os seus leitores e favorecedores e muito especialmente ao «O ESTADO» e ao sr. Presidente da Associação Catarinense de Imprensa, jornalista Batista Pereira, pelos muitos favores que nós têm prestado.

## ANEDOTAS EM VERSOS

### IV

### EQUIVOCO



Estava o homem, tranqüilo,  
A hora erepveular,  
Santido à frente da casa,  
A fresca arage a gozar.

Ele que aparece um pedinte,  
Com ar de tristeza e diz:  
«Tem uma par de calças velhas,  
Para dar a este infeliz?»

Responde o homem: «Não sei  
Entretanto, se quiser,  
Chegue até ali à porta  
E fale à minha mulher.»

O senhor não leve a mal  
(Torna o pobre, encobulado.)  
«Mas é de calças pra homem,  
Que eu estou necessitado.»

Dr. Zogue Degue